

Cuidado mediado tecnologicamente: um estudo exploratório

Rosa Novo & Ana Prada

Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Educação (ESEB)

r Novo@ipb.pt | raquelprada@ipb.pt

Enquadramento

Assiste-se a uma maior procura de cuidados no domicílio, mais individualizados e personalizados, para além das formas tradicionais de cuidar (Paúl, 2005; Turner & McGee-Lennon, 2013). Neste sentido, face aos desafios inerentes ao processo de envelhecimento e ao aumento das comorbilidades com impacto direto na funcionalidade e qualidade de vida do idoso, a teleassistência constitui um recurso promissor uma vez que possibilita envelhecer com um cuidado mediado na própria residência enquanto tal seja possível (Aceros et al., 2013; Giraldo-Rodríguez et al., 2013). No entanto, a teleassistência é ainda pouco utilizada e divulgada no nosso país, apesar do serviço de apoio domiciliário apresentar a maior taxa de crescimento (Carta Social, 2011). É no quadro desta preocupação que este estudo se posiciona.

Objetivos

Pretende-se com este estudo exploratório:

- Traçar o perfil sociodemográfico e identificar a perceção do estado de saúde dos idosos que usufruem da teleassistência numa empresa privada no distrito de Bragança;
- Incentivar reflexões sobre a utilização da teleassistência no idoso.

Método

Participantes

Foram selecionados participantes com 60 ou mais anos de idade, sem deterioração cognitiva, residentes no distrito de Bragança e utilizadores de teleassistência¹ no domicílio, através de uma empresa privada. De um total de 100 utilizadores foram entrevistados 87, destacando-se um predomínio do género feminino (89.66%). A média etária das mulheres é de 82.78 anos e dos homens de 82.32 anos. Relativamente à escolaridade a maioria possui 4 ou mais anos (55.20%), seguidos pelos séniores sem escolaridade (27.60%) e aqueles com 3 ou menos anos (17.20%). Quanto ao estado civil a maioria dos idosos é viúvo (78.20%) e reside sozinho (88.50%), constatando-se que apenas 11.50% co-residem com familiares. Salienta-se ainda que 55.20% dos entrevistados percecionam o seu estado de saúde como razoável, 19.50% como sendo bom e 25.30% como fraco.

Instrumento e procedimento de recolha de dados

Aplicou-se um questionário fechado constituído por duas partes: A) dados sociodemográficos e avaliação da perceção do estado de saúde; B) serviço de teleassistência, agrupado em três categorias, nomeadamente, (a) adesão e decisão quanto ao uso da teleassistência; (b) perceção de benefícios da teleassistência e (c) utilização do aparelho de teleassistência.

Tendo em conta o público alvo e a aplicação do questionário por via telefone para cada item optou-se apenas por respostas fechadas do tipo: sim, não e não responde. A recolha de dados, após obtenção do consentimento informado, foi realizada no período de maio a julho de 2014.

Procedimento de análise de dados

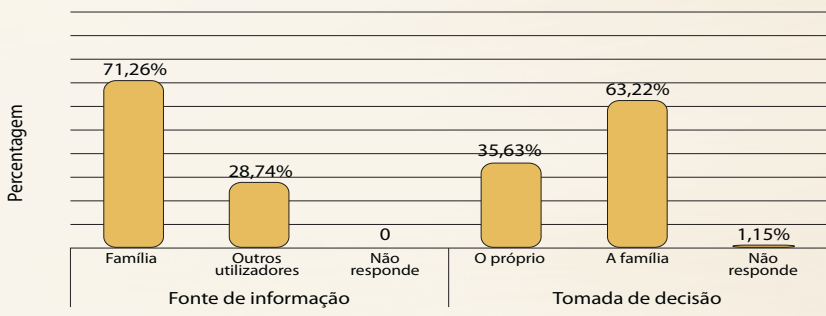
Os dados foram recolhidos e analisados através do *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 20.0. Para avaliação da significância estatística da associação entre as variáveis sociodemográficas e as categorias previamente definidas no questionário utilizou-se o Teste Qui-Quadrado, considerando-se $p < 0.05$.

¹ Trata-se de um serviço ligado ao telefone e com um equipamento portátil (pulseira ou colar) que o idoso transporta consigo, podendo desta forma através do pressionar de um botão, efetuar uma chamada de socorro. O serviço responde a chamadas de emergência e de apoio através dos assistentes do contact center.

Discussão dos resultados

Na categoria *adesão e decisão quanto ao uso da teleassistência* (gráfico 1) a principal fonte de informação sobre este recurso é a família (71.26%) e, em menor percentagem, advém de outros utilizadores (28.74%). Também é a família quem, na maioria dos casos, toma a decisão quanto à sua adesão (63.22%). Neste item evidenciam-se diferenças significativas na deliberação em função do estado civil [$\chi^2_{(2)} = 6.161, p = 0.037$], ou seja, quando viúvos a decisão recai essencialmente na família, enquanto nos solteiros/divorciados e nos casados/em união de facto é assumida sobretudo pelo próprio sénior.

Gráfico 1: Adesão e decisão quanto ao uso da teleassistência



Relativamente à *perceção de benefícios da teleassistência* (tabela 1) a maioria reconhece este recurso como responsável pelo aumento da segurança e tranquilidade (98.85%) e apenas 1.15% manifesta desacordo. É igualmente percebido como uma valiosa fonte de companhia (96.55%), embora 3.45% expresse opinião contrária. A maioria dos inquiridos reconhece ainda que a teleassistência possibilita o diálogo com os técnicos, sobretudo quando a pessoa idosa se sente só (65.52%), apesar desse diálogo não ser valorizado por 34.48%. Este indicador é estatisticamente significativo quando se compara o viver sozinho e o co-residir com familiares [$\chi^2_{(1)} = 6.309, p = 0.012$], isto é, quando sozinha a pessoa idosa valoriza mais esse diálogo. Também sobressai o impacto positivo no aumento da tranquilidade nos familiares, embora 8.05% teça uma opinião contrária e 14.94% opte por não responder.

Tabela 1. Perceção de benefícios da teleassistência

	Sim	Não	Não responde
Segurança/Tranquilidade ao idoso	86 (98,85%)	1 (1,15%)	0
Companhia ao idoso	84 (96,55%)	3 (3,45%)	0
Diálogo do idoso com o técnico	57 (65,52%)	30 (34,48%)	0
Tranquilidade para os familiares	67 (77,01%)	7 (8,05%)	13 (14,94%)

Quanto ao *uso da teleassistência* (tabela 2), a maioria reconhece não sentir dificuldade na sua utilização (94.25%) e acompanhar-se regularmente do aparelho (81.61%). Curiosamente 50.57% dos participantes costumam pressionar o botão de emergência para verificar o seu funcionamento, havendo diferenças significativas em função do nível de escolaridade [$\chi^2_{(2)} = 10.252, p = 0.004$]. Quanto mais elevado é o nível de escolaridade maior é a tendência do idoso para testar o funcionamento do aparelho.

Tabela 2. Utilização do aparelho de teleassistência

	Sim	Não	Não responde
Sente dificuldade na utilização do aparelho	4 (4,60%)	82 (94,25%)	1 (1,15%)
Traz consigo regularmente o aparelho	71 (81,61%)	15 (17,24%)	1 (1,15%)
Pressiona o botão para testar o seu funcionamento	44 (50,57%)	43 (49,43%)	0

Considerações finais

Eis os dados que despontam do estudo exploratório:

- (i) no perfil sociodemográfico destaca-se o predomínio do género feminino, a idade elevada e o morar sozinho, aspetos estes já reiterados pela literatura (Camargos et al., 2011), bem como uma escolaridade de quatro ou mais anos e uma autoperceção positiva do estado de saúde,
- (ii) à semelhança de outros trabalhos a teleassistência melhora a segurança/tranquilidade percebida pelo idoso (Giraldo-Rodríguez et al., 2013), o qual tece a mesma avaliação relativamente aos seus familiares;
- (iii) o estado civil, independentemente do género e da avaliação da perceção do estado de saúde, exerce influência na tomada de decisão quanto à utilização da teleassistência na pessoa idosa;
- (iv) a pessoa idosa com maior escolaridade manifesta uma maior tendência para testar o funcionamento do aparelho de teleassistência.

Bibliografia

- Aceros, J., Callén, B., Calvacante, M.T., & Doménech, M. (2013). Participação e Idosos: A Construção de um Quadro Ético para a Teleassistência em Espanha. In M.I. Carvalho (Coord), *Serviço Social no envelhecimento* (p. 265-279). Lisboa: Pactor.
- Camargos, M.C.S., Rodrigues, R.N., & Machado, C.J. (2011). Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre a decisão de morar sozinho. *R. Bras. Est. Pop., Rio de Janeiro*, 28 (1), 217-230.
- Carta Social. (2011). *Carta Social. Rede de Serviço e Equipamentos 2011*. Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento, Ministério de Solidariedade e da Segurança Social.
- Giraldo-Rodríguez, L., Torres-Castro, S., Martínez-Ramírez, D., Gutiérrez-Robledo, L.M., & Pérez-Cuevas, R. (2013). Tele-asistencia y tele-alarma para adultos mayores: experiencias preliminares en México. *Rev Saúde Pública*, 47 (4), 711-717. DOI: 10.1590/S0034-8910.2013047004574.
- Paúl, C. (2005). Envelhecimento e ambiente. In L. Soczka (Org), *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (p. 247-268). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Turner, K., & McGee-Lennon, M.R. (2013). Advances in telecare over the past 10 years. *Smart Homecare Technology and TeleHealth*, 1, 21-34.